

O pântano das palavras de Cristovão Tezza

Um jogo de sedução ambientado durante a pandemia. Por **José Castello**, para o Valor, de Curitiba

Beatriz e o poeta

Cristovão Tezza
 Todavia
 192 págs., R\$ 69,90



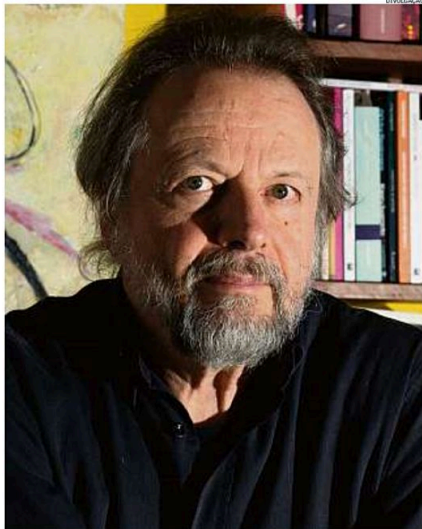
Cristovão Tezza é um ficcionista que pensa. Não que use suas narrativas para divagações retóricas, ou exercícios pedantes de filosofia. Ao

contrário: os relatos de Tezza são pura trama, bruta e implacável, que se desenrola sobre uma malha de vozes. São seus personagens — como a perplexa Beatriz e o sonhador Gabriel, de “Beatriz e o poeta” — que manejam as palavras como máquinas de pensar.

Não há pregação ou didatismo, nada que se pareça com uma aula ou com um pedido de engajamento. Os pensamentos, ainda que complexos e sofisticados, surgem aos jorros, borbulhando sobre a planta dura da ação. Como todos nós, para agir seus personagens precisam pensar. As ideias, porém, vêm embrulhadas em sentimentos bruscos, em insights roídos de paradoxos, em rompanes mentais. Estão vivas, tanto quanto os seres que as carregam, e por isso agitam o leitor.

Palavras formam, sempre, um jogo arriscado. O pai de Gabriel, o jovem poeta que corteja Beatriz em um café de Curitiba, tenta convencer o filho a desistir da poesia — a desistir das palavras. Espelha-se no pai do poeta romano Ovídio, que também desejava que ele abandonasse os versos para ganhar dinheiro. Mas, e aqui é Gabriel quem recorda, Ovídio dizia que ele poderia morrer fisicamente, mas que os deuses só teriam direito a seu corpo, a seus ossos, porque sua poesia nem mesmo o deus romano Júpiter destruiria. O pai, por fim, cede.

Gabriel conhece a força da poesia. É com ela que tenta seduzir Beatriz, uma cinquentona que se refugia em um café para trabalhar em uma tradução. O romance é ambientado durante a



Os relatos de Cristovão Tezza são pura trama, bruta e implacável

pandemia da covid, época em que os medos se agigantam e as precauções se radicalizam. Beatriz se dedica a traduzir certo Felip Xaveste, escritor catalão que se define como um filósofo do cotidiano. Trabalha nos ensaios de “A fantasia identitária”, que tratam das máscaras que encobrem a vida. Vez por outra, tem encontros virtuais com Xaveste para debater sua tradução.

Apesar de ser só um garoto de 25 anos, ou por isso, o poeta Gabriel, que mansamente a assedia, se agiganta. Faz parte do jogo afetivo de Gabriel não esconder, mas, em vez disso, expor acintosamente seus defeitos. Define-se como virgem, disléxico, bipolar e

obsessivo. Desnuda-se. Cada vez que Beatriz se entrega aos encantos do poeta, sente-se, ao mesmo tempo, inebriada e “insistentemente grosseira”.

O refúgio no café é um artifício para dimensionar as pressões do lockdown imposto pela pandemia. Mas os problemas de Beatriz vão muito além das circunstâncias sanitárias do presente. Ela admite: “Estou em lockdown pessoal, não saio nem de mim mesma”. Vez por outra, é assalada pelos conselhos do ex-marido Doneti, para quem os poetas são “tribais, agressivos, arrogantes e excludentes”. A mente de Beatriz é, ela também, uma região rasgada por interferências, em que pensamentos e vozes alheias se misturam

em uma grande algazara.

O relato de Tezza desmente uma das teses mais caras ao catalão Xaveste, para quem “a literatura deixa tudo nítido”. Este é, por certo, o desejo que move os escritores, mas isso não significa dizer que eles o realizem — e “Beatriz e o poeta” é uma prova disso. Beatriz sabe que, com o avançar dos dias, joga uma aposta cada vez mais perigosa com Gabriel. Enquanto joga, agarra-se aos dados brutos que a realidade da pandemia expede — como a média móvel de mortes diárias. Tenta conservar a nitidez, mas quanto mais se empenha, mais nubla sua visão se torna.

O assédio envolvente do poeta leva Beatriz a pensar sobre o que, afinal, é o amor. “O ideal seria a cabeça de Xaveste no corpo de Gabriel”, imagina, em uma operação sangüinária. Ocorre que a realidade não tem a maleabilidade das ideias. É escorregadia, empena, range, perturba. Aos poucos, ela entende que Gabriel é, mais que um sedutor, uma charada. Em nossa época, cheia de profetas de todos os matizes, multiplicam-se os que tentam ordenar o inevitável caos da existência.

Há uma necessidade moral de acreditar que a História — toda história, inclusive o próprio romance que lemos — guarda obrigatoriamente um fecho. Que ela caminha, sempre, apesar dos desvios e dos baques, em direção segura. Que uma tranca — com aldravas e ferrolhos — nos espera no fim da linha. Que nada, Beatriz começa a descobrir. Tanto no amor, como na literatura, as fronteiras não cessam de se alargar. Nenhum mito redentor explica a vida. E a pandemia, imprevisível e letal, dá provas disso.

“Beatriz e o poeta” é um romance forte e sedutor, o que não significa dizer que seja fácil. As palavras engolfam o leitor. É nelas que a brutalidade do mundo o afanava. Diante disso, a literatura nada pode fazer a não ser nos levar a seguir a tremor. Direção instável, mas cativante, em que Tezza, com rara mestria, nos empurra.